

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS - CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

THAYNNA MARYAN FARIAS ESTEVES

ANÁLISE DA INTERAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA LINGUAGEM DE CRIANÇAS
AUTISTAS: UMA REVISÃO CRÍTICA

Parintins-AM
2024

THAYNNA MARYAN FARIAS ESTEVES

**ANÁLISE DA INTERAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA LINGUAGEM DE CRIANÇAS
AUTISTAS: UMA REVISÃO CRÍTICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Amazonas, como exigência para a obtenção do título de graduação em Letras, sob a orientação do Prof., Dr. Franklin Roosevelt de Castro.

Orientador: Prof. Dr. Franklin Roosevelt de Castro

PARINTINS-AM
2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder a benção de acordar todas as manhãs, dia após dia com saúde, pois, com saúde conseguimos construir o resto.

Segundo, ao meu marido e parceiro de vida, Erik Nelson que me ergueu quando cai e que por muitas vezes me incentivou e apoiou nos momentos difíceis e de fragilidade, ao meu filho, André Henrique que amo imensamente e sempre foi e será a minha maior motivação.

Terceiro, as minhas irmãs Thayêna e Thaí Ane, a minha mãe, Maria de Jesus e ao meu pai, Elizandro obrigada pelo apoio emocional e financeiro quando precisei, amo vocês.

Quarto, ao meu professor orientador professor Dr. Franklin Roosevelt, pelas devidas orientações, parceria e disponibilidade nos momentos de dúvidas e apoio emocional quando quis fraquejar.

Quinto, aos meus amigos e colegas da turma de Letras 2018, esses que fizeram parte da minha trajetória até esse momento e que ficará eternizado em minhas memórias, agradeço especialmente a Tayane Miranda que me apoiou nas minhas crises emocionais sempre sendo um ótimo amigo, a Jucilene Andrade amiga desde o Ensino Médio que levo para a vida, a Leticia Tavares que muitas vezes nos momentos de angústia me fez sorrir, ao Gustavo Ribeiro pelos conselhos e a Dayane Pontes que foi um mais que uma colega, foi uma professora, nos orientando e ensinando quando tínhamos dúvidas, obrigado a todos.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho de conclusão de curso ao meu filho, que é minha principal motivação para buscar meios e conhecimento para conhecê-lo melhor, tudo por ele e para ele.

Ao meu marido que amo imensamente e que tem me ajudado nessa trajetória.

RESUMO

Este artigo aborda estudos acerca da relação entre linguagem, interação e comunicação em crianças autistas. Tendo como objetivo geral analisar a partir das discussões teóricas a interação e comunicação na linguagem de crianças autistas com intuito de compreender as dificuldades específicas que enfrentam nesses aspectos. Utilizamos como principal teórico Lev Vygotsky, autor de *Pensamento e Linguagem* (2002) e *A Formação Social da mente* (1991). A pesquisa é de cunho qualitativo por meio um levantamento bibliográfico a partir de publicações. Os resultados desta pesquisa certificaram que a interação social promove a motivação para se comunicar, pois as crianças autistas podem encontrar significado e propósito na comunicação ao interagir com outras pessoas quesito essencial para o desenvolvimento da linguagem e da comunicação. Porém sugere-se continuidade de estudos voltados para a temática da interação como forma se contribuir para o ensino aprendizagem e promoção de um ambiente mais inclusivo e favorável ao desenvolvimento dessas crianças.

Palavras-chave: Desenvolvimento da linguagem. Interação; Comunicação. Crianças autistas.

ABSTRACT

This article addresses studies on the relationship between language, interaction, and communication in autistic children. The general objective is to analyze, from theoretical discussions, the interaction and communication in the language of autistic children with the aim of understanding the specific difficulties they face in these aspects. We used as main theorist Lev Vygotsky, author of *Thought and Language* (2002) and *The Social Formation of the Mind* (1991). The research is qualitative in nature through a bibliographical survey based on publications. The results of this research certified that social interaction promotes motivation to communicate, as autistic children can find meaning and purpose in communication when interacting with other people, an essential requirement for the development of language and communication. However, it is suggested to continue studies focused on the theme of interaction to contribute to teaching, learning, and promoting a more inclusive and favorable environment for the development of these children.

Keywords: Language development. Interaction; Communication. Autistic children.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	8
2.1 A origem do Pensamento e Linguagem para Vygotsky.....	8
2.2 Comunicação e fala	10
2.3 O Autismo.....	13
3 METODOLOGIA.....	14
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

As crianças autistas apresentam desafios significativos no que diz respeito à linguagem, interação e comunicação. Esses elementos desempenham um papel crucial no desenvolvimento social e intelectual das crianças, e a dificuldade em compreender e utilizar a linguagem pode ter um impacto significativo em sua capacidade de interagir com os outros.

Neste contexto, a compreensão aprofundada da forma como a linguagem está interligada com a interação e a comunicação em crianças autistas é de extrema importância para oferecer um suporte efetivo.

Com aporte para continuidade da pesquisa o objetivo geral analisar a partir das discussões teóricas a interação e comunicação na linguagem de crianças autistas com intuito de compreender as dificuldades específicas que enfrentam nesses aspectos. E quanto aos objetivos específicos foram assim pautados: Averiguar nas pesquisas as principais dificuldades de linguagem enfrentadas por crianças autistas, verificar os desafios apresentados nas bases teórica relacionados a interação social e comunicação verbal e não verbal em crianças autistas; identificar estratégias de intervenção e abordagens terapêuticas que visam aprimorar a capacidade de linguagem, interação e comunicação em crianças autistas.

Este trabalho foi conduzido por pesquisa bibliográfica e abordagem qualitativa, a fim de discutir o conteúdo da proposta deste estudo, foi realizada leitura e análise de artigos científicos e livros que fazem uma abordagem sobre o tema, para que fossem coletados dados, buscando chegar aos resultados objetificados. Tendo como foco de investigação as palavras-chave: Desenvolvimento e aquisição da linguagem, autismo e comunicação, foram selecionados três artigos científicos; Delfrate, Santana e Maasi (2009); Santos (2018); Pereira *et. al* (2022), bem como foi utilizado uma dissertação de mestrado; A clínica do autismo sob uma perspectiva desenvolvimentista: o papel do engajamento afetivo da comunicação e da linguagem Oliveira (2009), como também foi realizado um levantamento teórico para corroborar a pesquisa e compreender melhor o que propõem a temática.

Considerando a extensão dos títulos dos artigos científicos citados para a análise de dados optou-se por utilizar siglas para facilitar a compreensão dos dados, a exemplo, A aquisição de linguagem na criança com autismo: um estudo de caso (ALCAEC); Autismo: as possibilidades de comunicação da linguagem não-verbal (APCLNV), Habilidades comunicativas de crianças com autismo (HCCA), bem como foi utilizado uma dissertação de mestrado; A clínica do autismo sob uma perspectiva desenvolvimentista: o papel do engajamento afetivo da comunicação e da linguagem (CAPDPEACL)

Com base na seleção das obras justificamos a escolha da temática pela relevância da pesquisa caracterizada como uma abordagem para o desenvolvimento das crianças com TEA mediante a interação, é essencial adotar uma abordagem sensível e individualizada, reconhecendo as diferenças e necessidades únicas de cada criança para promover um ambiente propício ao seu crescimento e desenvolvimento.

O artigo foi estruturado em tópicos que iniciaram com o resumo trazendo um panorama da pesquisa, em seguida a introdução na qual ponderamos algumas considerações destacando as obras visitadas. Em seguida adentramos os aportes teóricos a partir do referencial que nos permitiu conhecer algumas características específicas para realização da análise da temática. Posteriormente o artigo apresenta o contexto metodológico dispendo da pesquisa e suas técnicas. A análise de dados vem a partir das obras consultadas nas quais foi possível verificar, averiguar e identificar o que havíamos proposto. As considerações finais apresentam o resultado das análises realizadas.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A ORIGEM DO PENSAMENTO E LINGUAGEM PARA VYGOTSKY

Para Vygotsky (2002 p.39), a linguagem e o pensamento têm origens diferentes assim como nos animais, sendo inicialmente o pensamento não verbal e a linguagem não intelectual, a trajetória desses dois elementos essenciais se cruzam em um determinado tempo e é a partir desse momento que a criança dá início a uma nova forma de comportamento, no qual o pensamento começa ser verbalizado e a linguagem racional. É nesse momento também que a linguagem penetra no subconsciente da criança.

Mas a mais importante descoberta é o fato de em determinado momento por alturas dos dois anos de idade, as curvas de desenvolvimento do pensamento e da linguagem, até então separadas, se tocarem e fundirem, dando início a uma nova forma de comportamento. Foi Stern quem pela primeira vez e da melhor forma nos deu uma descrição deste momentoso acontecimento. Ele mostrou como a vontade de dominar a linguagem se segue à primeira compreensão difusa dos propósitos desta, quando a criança “faz a maior descoberta da sua vida”, a de que “todas as coisas têm um nome (Vygotsky, p. 33, 2002).

Vygotsky (2002.p 49) afirma que a linguagem percorre estágios de desenvolvimento, no qual o primeiro é o estágio tardio primitivo ou natural, é a fase em que o pensamento ainda é pré-verbal e a fala pré-intelectual, as operações aparecem em sua forma original, é caracterizado pelos os gritos e balbucios, o segundo estágio é conhecido como “psicologia ingênua”, é o

estágio onde a criança começa a conhecer o seu próprio corpo e usa essa experiência como instrumento, esse estágio é caracterizado pela início da inteligência prática, ou seja, a linguagem sendo manifestada pelo uso correto das estruturas gramaticais, antes da criança ter compreendido as operações lógicas que representam, com as experiências adquiridas durante o segundo estágio a criança entra na terceira fase, que é quando a criança utiliza de meios externos para como auxiliares para soluções internas, quando a criança conta pelos dedos.

O desenvolvimento linguístico é caracterizado pelo discurso egocêntrico, o quarto estágio é chamado de “crescimento interno”, as operações externas interiorizam-se e sofrem uma profunda transformação durante esse processo. É caracterizado quando a criança começa a contar de cabeça, utilizando a “memória lógica”, na linguística é o último estágio da fala interior, são processos nos quais a criança deve cumprir com o tempo, já que a princípio essa linguagem não verbalizada era utilizada de forma superficial no seu cotidiano, sem uma real utilidade, é esse momento que a linguagem entra no subconsciente da criança, que há uma descoberta acerca do mundo em que ela vive, descobrindo que as coisas têm nomes, a criança tenta de alguma forma resolver essa “problemática”, recorrendo ao adulto.

De acordo com Vygotsky (2002 p. 32) essas novas descobertas e significados básicos vão funcionar como embriões para a formação de novos conceitos. Para ele as habilidades cognitivas nada tem a ver com fatores genéticos, mas sim com atividades praticadas no dia a dia de acordo com os hábitos sociais que o indivíduo está inserido, o ambiente em que ele vive contribui para a sua formação. Vygotsky (2002) fala a respeito desse processo:

Consequentemente, a história da sociedade na qual a criança se desenvolve e a história pessoal desta criança são fatores cruciais que vão determinar sua forma de pensar. Neste processo de desenvolvimento cognitivo, a linguagem tem papel crucial na determinação de como a criança vai aprender a pensar, uma vez que formas avançadas de pensamento são transmitidas à criança através de palavras (Vygotsky, p. 3 2002)

As relações de pensamento e linguagem são cruciais para o desenvolvimento intelectual da criança, a linguagem não é apenas uma forma de falar, ela faz parte de um processo maior, que consiste em uma inter-relação com pensamento e que sustentam um ao outro e tem o papel importante na formação do caráter da criança.

No que refere se as relações sociais nos anos iniciais da criança são essenciais para o desenvolvimento da sua linguagem, pois, com a interação entre criança e adultos ela progride e se espelha, logo aprendendo a ter mais autonomia nos seus atos e linguagem complexa.

Essa relação rotineira é afirmada por Bruner (1984 apud Hilário, Paula, Bueno, 2014 p. 36) afirmam que:

Para criança pequena entrar na linguagem, ela deve entrar nas relações sociais de um tipo que contextualize a linguagem em diálogo. Um formato é um exemplo simplificado deste tipo de relação. É um microcosmo de regras e laços em que o adulto e a criança fazem coisas um pelo outro. Como os padrões comunicativos e interacionais dos formatos entre a criança e o adulto começam antes da fala léxico-gramatical, eles são cruciais para a passagem da comunicação para a linguagem. Finalmente, adultos e criança se permitem fazer coisas uma para o outro pelo uso da linguagem como um adicional aos meios não verbais.

Além do constante aprendizado da criança com essa relação rotineira, ela também desenvolve um laço de confiança com esse adulto, usando-o para suas necessidades, já que ela ainda não tem a habilidade para resolver determinados problemas, mostrando assim a sua capacidade de formulação de planos.

2.2 COMUNICAÇÃO E FALA

O processo de desenvolvimento da fala nas crianças é árduo e contínuo de estudos e experimentos. Os estudos acerca da fala e linguagem se ligam na esfera cultural, social e no ambiente em que esta criança está inserida. É de muita valia para os estudos na área da psicologia e desde os primeiros estudos de Vygotsky (2002 p. 39) a interação social da criança. A teoria sociointeracionista aponta que a formação humana está ligada inteiramente ao meio que o sujeito convive, e essa convivência o molda desde sua cultura, à sua prática e formação da linguagem.

A comunicação permite ao homem uma interação direta com os sujeitos de seu meio, e nesse meio existe o compartilhamento de vivências, e seja de forma consciente ou não, um sujeito tende a reproduzir os mesmos comportamentos dos outros. A partir desse processo de reprodução, destaca-se a interação verbal, onde falamos da forma como observamos o outro, logo, o desenvolvimento cognitivo da fala não é individual, e sim um processo coletivo.

A criança quando está aprendendo a falar nos seus primeiros anos de vida, começa a perceber o ambiente em que ela está inserida, e antes de controlar os próprios comportamentos, ela controla o ambiente, através da fala (Vygotsky, 1991 p. 20). O desenvolvimento cognitivo da fala da criança surge primeiramente com a repetição, ela a passa a reproduzir aquilo que ouve dentro do contexto em que convive, o instrumento essencial do seu desenvolvimento é a fala, esta que forma seu intelecto e promove sua ação como sujeito ativo dentro de uma sociedade.

A fala se desenvolve de acordo com o desenvolvimento da criança, que consequentemente necessita da fala para solucionar ou obter algo, com o passar do tempo essa fala, que é usada como instrumento vai se moldando e alterando, essa mudança só é possível no momento que a criança está preparada para usar a linguagem para ação.

Vygotsky (1991 p. 22) reforça que:

As crianças pequenas dão nome a seus desenhos somente após completá-los; elas têm necessidade de vê-los antes de decidir o que eles são a medida que as crianças se tornam mais velhas, elas adquirem a capacidade de decidir previamente o que vão desenhar. Esse deslocamento temporal do processo de nomeação significa uma mudança na função da fala.

Entende-se assim, a criança com capacidade de atingir os estágios emocionais e comunicativos, está apta para operações mais complexas da língua, se tornando independente do espaço em que está e adquire uma nova visão em relação ao papel da linguagem, transforma e aperfeiçoa suas funções psicológicas, as capacitando e dando mais autonomia e relação ao mundo e ambiente em que vive, mesmo com ações inteligentes, e caminhos que levariam a solução de determinado problema, essa criança ainda sim sente receio e cessa as suas tentativas e investe em pedir auxílio de um adulto. (Vygotsky, 1991 p.86-87).

É importante ressaltar que a criança que está em desenvolvimento da aquisição da linguagem vê os adultos como um alvo a ser alcançado, para elas os pais são um exemplo a ser imitado no início da aquisição. Como Hilário, Paula e Bueno (2014, p. 31) fala a respeito da “Língua alvo”, a língua do adulto (pais) que as crianças almejam alcançar e como essa relação entre pais e filhos ajuda a criança a ter uma maior desenvoltura na aquisição.

A ludicidade é um método indispensável para o processo de ensino e aprendizado de uma criança, pelo fato de que é interativo, e essa interatividade possibilita desenvolvimento não só da fala, como também todo seu sistema psicomotor. O brincar associado ao planejamento pedagógico deixa a criança a vontade permitindo um aprendizado significativo, tranquilo e de qualidade, uma vez que não há pressão para executar as atividades.

É através das interações entre a criança e o adulto que pode ser observado a linguagem usando as brincadeiras, jogos, leituras etc., o adulto também tem um papel importante nesse processo que é servir como “intermediário” da criança e da linguagem, o adulto incentiva a criança a dialogar através do lúdico, é de grande relevância a importância dos jogos lúdicos como métodos eficazes no processo de aquisição da linguagem.

A interação mãe-criança, nos casos analisados, era articulado em torno de uma atividade específica e a atenção conjunta era gerida, na maioria das vezes, a partir de

algo que pudesse ser manipulado pela criança ou por ambas, como um livro ou as peças de um jogo- novamente, o jogo lúdico como parte do jogo de linguagem auxilia metodologicamente no processo de aquisição da linguagem (Hilário; Paula; Bueno) (2014, p. 42)

Com o tempo a relação da criança com o intermediário (adulto) traz resultados visíveis para a desenvolvimento dela, a exemplo; muitos pais fazem leituras de histórias infantis para seus filhos, mesmo eles não frequentando a escola, essa aprendizagem da linguagem e interação são mostradas através das histórias que são ilustradas, para auxiliar na descrição e associação.

Hilário, Paula e Bueno (2014, p. 44) afirmam que:

Embora estejamos dando relevo para o que acontece nas situações de leitura, não nos referimos unicamente a elas, isso, sem dúvida, restringiria a reflexão que colocamos aqui a certas camadas da sociedade que priorizam o manuseio do livro e a leitura na interação com as crianças. Esse não é, de forma alguma, o foco em nossa argumentação. O que pretendemos mostrar é a presença de um formato de interação que se consolida não antes, mas durante a própria atividade de linguagem.

Na aquisição de linguagem a produção de sentido no diálogo é essencial na convivência da criança com o adulto, é através dessa interação que a comunicação e interpretação ser tornam efetivas. É importante que haja sentido no discurso, pois, a falta de informações pode causar uma interpretação diferente do sentido que pensado.

A exemplo desse fato, Hilário, Paula e Bueno (2014 p. 62) diz que:

O autor traz o exemplo de um enunciado que, em termos estritamente linguísticos, conta apenas com a palavra “bem”. No exemplo, temos duas pessoas sentadas em uma sala, em silêncio, quando uma delas produz tal enunciado. O autor explica que “tomado isoladamente, o enunciado ‘bem’ é vazio e ininteligível”.

Para haver um diálogo, é necessário que um discurso faça sentido, essa falta de significação para uma palavra é prejudicial para a criança, pois, ela causa desentendimentos entre os interlocutores, logo não há uma harmonia e sincronização entre as partes (criança e adultos).

Embora os autores tenham especificado o método de leituras de livros e histórias infantis para mostrar esse formato de aquisição de linguagem, não quer dizer que ele seja o único, a exemplo temos os jogos lúdicos. A imitação também é uma forma de aprendizagem, através da observação a criança capta a forma que o adulto agi e fala, e tenta aprender com essa observação. A repetição da criança pode ser entendida como um reflexo de seu próprio falar, há nesse momento uma troca de lugar, entre a criança e o adulto a passagem da palavra da boca da criança para a do adulto e vice-versa (Del Ré, 2014 p 62).

2.3 O AUTISMO

O diagnóstico do autismo surgiu na metade do século XX, mais especificamente no ano de 1943, a partir de estudos experimentais de Leo Kanner em crianças com características autísticas, portanto um diagnóstico muito recente e com poucas informações concretas, mas com avanços de entendimento e tratamento eficaz.

O transtorno autístico ou autismo infantil foi inicialmente descrito por Leo Kanner (1943), a partir do relato de 11 casos de crianças que apresentavam, segundo o autor, “distúrbios autísticos do contato afetivo”. No seu texto original, o autor considera como uma característica patognomônica do transtorno, a inabilidade da criança para se relacionar de um modo ordinário com pessoas e com situações desde o início da vida. Algumas características que servem para auxiliar o diagnóstico foram observadas, entre elas, temos: um isolamento autístico extremo antes do primeiro ano de vida, que na época servia como um importante dado para se diferenciar da esquizofrenia infantil, uma vez que nesta haveria uma retirada no contato após o primeiro ano; a falência da criança em usar a linguagem para o propósito da comunicação; o desejo obsessivo em manter a rotina, com uma acentuada limitação das atividades espontâneas; uma verdadeira fascinação por objetos, a qual contrastaria com a pobre capacidade para se relacionar com pessoas; e, finalmente, as boas potencialidades cognitivas das crianças, que eram consideradas como tendo boas aptidões de memórias. Esta última característica seria útil para distinguir o autismo das oligofrenias (Oliveira, 2009 p. 48).

A crianças dentro do espectro autista para além dessa problemática específica, a dificuldade em se relacionar com o meio, tendem também a ter problemas para a aquisição e desenvolvimento da linguagem e apresentam outros comportamentos característicos do diagnóstico como, uma atenção maior na sua rotina, preferência por isolamento, movimentos estereótipos (como andar nas pontas dos pés) etc.

Essa definição é reforçada em Ney e Habner (2002 *apud* Kwee et al., 2009, p. 217) ao dizerem que:

A principal característica do Transtorno do Espectro Autista é o déficit considerável na interação social, no comportamento e, invariavelmente, na comunicação. Em sua maioria, com ausência de comunicação verbal e, quando presente, nos casos de Autismo Leve e na Síndrome de Asperger, as dificuldades se encontram principalmente no que se refere à pragmática, prejudicando ainda mais a interação social deste indivíduo.

É importante salientar que a criança autista tem dificuldades em desenvolver a linguagem oral, é mais fácil para essas crianças a comunicação não verbal, que não precisa ter o contato direto com outras pessoas, esse tipo de comunicação são feitos através de sinais como; apontar para algo que quer ou levar uma pessoa até o objeto desejado.

A linguagem e a comunicação dos autistas podem se manifestar de forma verbal ou não-verbal. Nesse contexto, alunos com diagnóstico mais grave não verbalizam, mas podem se comunicar por meio de sinais, símbolos, ou até mesmo com auxílio de um computador. Sabe-se que a comunicação verbal é a forma mais fácil de se comunicar e manter a interação, principalmente na fase escolar, que é o período e o lugar propício para o desenvolvimento do aluno. É importante que a fala seja estimulada no ambiente escolar, mesmo que o aluno não verbalize, principalmente em situações em que o aluno está desenvolvendo atividades de escrita; no entanto, essa comunicação deve ser feita de uma maneira contextualizada. É preciso criar significado naquilo que se está ensinando, visto que as crianças autistas precisam ser ensinadas a se comunicarem de maneira efetiva e a entender para que a comunicação serve. Já o professor tem de ter uma comunicação fácil e tentar empregar frases curtas e diretas (Ney; Habner, 2022, p. 25).

Ao que esse refere a linguagem oral e escrita a criança autista não entende figuras de linguagem, como metáforas e metonímias, então no sentido educacional e pessoal (familiar), as pessoas que estão envolvidas diretamente com essa criança, devem ter uma atenção especial para esse ponto.

É importante frisar que o aluno autista tem dificuldades, ou não compreende, metáforas e outras formas de linguagem não literal. Por isso, é imprescindível que o professor tenha conhecimento dessa característica do autista para saber como se comunicar da melhor forma com ele ao explicar tarefas, por exemplo. A linguagem oral direta e literal é a mais recomendada para que o aluno autista compreenda as tarefas e consiga executá-las (Ney; Habner, 2022 p. 24)

É importante ter um cuidado e verificar as especificidades de cada criança, pois há graus no autismo, leve, moderado e severo, as crianças com graus mais leves, conseguem verbalizar, as crianças que têm um grau mais elevado ou severo, não tem a mesma capacidade que a criança do grau leve. Então cada criança tem sua maneira de se expressar e aprender.

As crianças diagnosticadas com o espectro autista tendem ser a retraídas, e por mais que haja uma dissociação no ato da fala, quem interage com ele consegue entender o que ele quer a partir de seu comportamento, ou seja há uma interação e comunicação específica dele, embora não haja uma frase formulada e coerente, os seus gestos falam por ele, é a sua manifestação. Falamos então sobre a mania e o estereótipo do comportamento do autista, esta que vem se manifestar por sentido, não inteiramente por fala em si.

3 METODOLOGIA

Essa pesquisa objetiva compreender a aquisição e desenvolvimento de linguagem de crianças neuro atípicas, mais precisamente em crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo assim, para embasamento deste trabalho foi utilizado a pesquisa bibliográfica que busca contribuir para a temática, através de informações livros e artigos que tratam da linguagem e o processo de desenvolvimento da fala de crianças do espectro autista. Fonseca (2002) afirma, “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, página de web sites”.

Sendo assim a pesquisa bibliográfica é de suma importância para a execução deste projeto através das leituras e análises de obras literárias, bem como oferece uma diversa fonte de estudos que já analisados e catalogados com a temática escolhida Gil (1994) discorre acerca: “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica é a vantagem que ela dar ao investigador sobre a temática que está sendo desenvolvida, oferecendo a ele uma gama de informações a respeito de sua pesquisa, além de permite que o investigador utilize os dados coletados de inúmeras publicações”.

Assim, partimos para a metodologia com abordagem qualitativa que conforme Gil (1994 p. 21)

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização.

Gil (1994, p. 175) entende que a pesquisa qualitativa que se difere da análise experimental, pois não podem ser definidos previamente, não há fórmulas ou receitas que orientam o investigador, a pesquisa depende da capacidade e estilo do pesquisador”. A qual permite a compreensão das relações humanas que busca no material de pesquisa meios para o seguimento da pesquisa.

No primeiro momento foi realizado leituras do principal teórico e pesquisas de obras referentes a temática da linguagem, mais especificamente a linguagem das crianças com o transtorno do espectro autistas, sendo elas verbal e não-verbal, foi utilizado como teoria base a obra Pensamento e Linguagem e A formação Social da mente de Lev Semenovitch Vygotsky e A linguagem da criança: um olhar bakhtiniano de Del Ré. A, Paula. L, Mendonça C.M, e os artigos científicos;), o uso interativo da comunicação em crianças autistas verbais e não verbais(referencia); Autismo: as possibilidades de comunicação através da linguagem não verbal, que tratam a respeito da temática da Aquisição e desenvolvimento da linguagem em

crianças verbais e não verbais, artigos esses analisados e comparados para fazer um levantamento de estudos que exemplifiquem o processo de aquisição da fala de crianças autistas, e como ocorre a interação não verbal deles.

O método de análise escolhido para este artigo é o de análise comparativa. Fachin (2006) define o método comparativo como uma forma de investigar coisas ou fatos e explicá-los de acordo com suas semelhanças e suas diferenças. O método comparativo é de suma importância para este estudo, pois, se tratando diversos materiais de análise busca um melhor entendimento acerca das revisões bibliográficas.

A escolha deste tema surgiu a partir de estudos relacionados a aquisição de linguagem de crianças dentro do Espectro Autista e da necessidade de conhecer e compreender a importância deste tema, tendo em vista a melhora na comunicação e aprendizado das criança na sociedade como pessoa e em sala de aula como aluno, colocando em prática os estudos teóricos já adquiridos sobre aquisição e seus métodos de intervenção, os estudos sobre o Autismo ainda são muito recentes não há um motivo exato para que a criança nasça nessa condição, o que há são estudos comportamentais, para identificar uma criança neuroatípica.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dentre os artigos selecionados considerou-se fatores dentro da análise que compreende estabelecer um paralelo de ideias acerca do tema desenvolvido e quais as comprovações sobre a aquisição e desenvolvimento da linguagem das crianças com espectro autista. O método comparativo serviu como base para analisar diferentes pesquisas desenvolvidas sobre uma temática específica. Nesta análise são considerados como critérios os métodos utilizados para a coleta de dados, as abordagens metodologias, os resultados obtidos e conclusões, realizados no material de pesquisa.

Tabela 1 - Abordagem Metodológica

(ALCUEC) p. 324	Tais terapias não eram previamente organizadas, ao contrário, o objetivo era que a fonoaudióloga e a criança pudessem manter uma relação intersubjetiva a partir do processo enunciativo que se construía durante a própria terapia.
(CAPDPEACL) p. 93-94)	O presente estudo de caso consistiu na aplicação de um programa de intervenção clínica para o autismo a uma criança com o diagnóstico do referido transtorno. Além disto, por meio do estudo de caso, foi avaliado se houve o desenvolvimento de aspectos como o engajamento afetivo, a comunicação não-verbal e a comunicação verbal na criança submetida ao programa, bem como foi avaliada também a relação entre o desenvolvimento do engajamento afetivo e o desenvolvimento dos vários aspectos da comunicação, não-verbais e verbais, de modo a corroborar a hipótese trabalhada nesta dissertação, de que as alterações do engajamento afetivo são primárias no autismo.

(APCALNV)	A análise foi baseada na observação de comportamento das atividades de comunicação entre a criança e os colegas de classe bem como da criança com a professora regente e o apoio especializado que está sempre em sala de aula para acompanhá-la nas tarefas.
(HCCU) p. 3	Participaram da pesquisa onze crianças, com idade entre três e sete anos. Foi estabelecido como critério de inclusão o diagnóstico de TEA e, como critério de exclusão, possuir diagnóstico de déficit de atenção com hiperatividade, síndrome de Down e outras síndromes.

Para que fosse feita a coleta de dados, o método mais eficaz utilizado foi a observação acerca de um estudo de caso específico, para tanto, a comunicação e interação de crianças TEA, e como estas se comportam quando inseridas em uma sala de aula, em um processo terapêutico.

O método de estudo de caso é uma abordagem detalhada e aprofundada de uma situação específica, com o objetivo de compreender as interações e os processos envolvidos. Ao aplicar esse método para analisar a interação e comunicação intersubjetiva de crianças com autismo, terapeutas e pesquisadores observam as interações sociais, linguísticas e afetivas dessas crianças em contextos diversos, como em casa, na escola e em ambientes terapêuticos.

Na terapia, a construção do engajamento afetivo com a criança é fundamental. Isso envolve estabelecer uma conexão emocional positiva, criar um ambiente acolhedor e adaptar as estratégias terapêuticas às necessidades individuais da criança. A partir da observação e análise dessas interações, os profissionais podem identificar padrões de comunicação, compreender as dificuldades específicas da criança com autismo e desenvolver intervenções terapêuticas mais eficazes.

Tabela 2 - Resultados Obtidos

(ALCUEC) p. 330	Percebe-se nos episódios apresentados que a interação de Alberto muda conforme o interlocutor. Existem diferenças entre a relação mãe-criança, criança-professora e fonoaudióloga-criança. A depender do interlocutor e do contexto, a criança reage de modo diferente. Diante de um interlocutor que a constitui como sujeito falante - no caso, a fonoaudióloga - a criança apresenta em alguns momentos participação ativa no discurso; já com a mãe, a criança não apresenta intenção comunicativa. Evidencia-se com isto que interlocutores diferentes produzem diferentes interações, que por sua vez promovem modificações na participação da criança em situações diferentes de usos da linguagem.”
(CAPDPEACL) p. 111	O engajamento afetivo se manteve no nível fraco no período correspondente à linha de base da pesquisa. Na primeira fase da intervenção, apresentou na maioria das sessões, um nível médio, aparecendo em apenas uma como forte, na sessão 7. Na segunda fase, o engajamento afetivo apareceu como forte em 4 sessões e na última fase em 7 sessões, correspondendo a um aumento nos comportamentos espontâneos por parte da paciente. Houve, portanto, um aumento do engajamento afetivo de T. ao longo da intervenção.
(APCALNV)	Após verificar o comportamento da criança autista, pois sua linguagem não-verbal tem muito a dizer. Já que ao mesmo tempo em que falamos, usamos a gesticulação, ou seja, ambos são significados de nossas ações criados no momento do fluxo da fala. Mesmo que ela não verbalize, ela, a criança com TEA procura dentro de sua limitação, encontrar meios para se fazer comunicar.

(HCCU) p. 7	Neste estudo, 83,3% das crianças menores, com idade entre dois e quatro anos, não apresentaram essa habilidade (atenção compartilhada), dado que chama a atenção para a importância da intervenção precoce como fator fundamental para a melhora do quadro clínico do TEA, pois se sabe que está gerando ganhos significativos no desenvolvimento das habilidades de linguagem da criança.
-------------	--

Os resultados obtidos foram constatados situações similares, com destaque a importância da análise da linguagem não verbal utilizada por eles. A observação da comunicação não verbal em crianças autistas é de extrema importância, pois muitas vezes elas enfrentam desafios na comunicação verbal. A comunicação não verbal inclui gestos, expressões faciais, contato visual e postura corporal, e pode ser uma forma crucial de as crianças com autismo expressarem suas emoções, necessidades e intenções.

Através da comunicação não verbal, os profissionais podem compreender melhor o mundo interno da criança autista, identificar sinais de desconforto, compreender suas preferências e adaptar estratégias terapêuticas de acordo com suas necessidades individuais. Além disso, a comunicação não verbal também pode ser uma via de interação e conexão com a criança, contribuindo para o estabelecimento de um relacionamento terapêutico mais eficaz.

Crianças autistas podem apresentar mais interação quando não estão em contato direto com a mãe devido à sensibilidade a estímulos sensoriais e sociais. Para algumas crianças com autismo, o contato direto com a mãe ou outras figuras de apego pode gerar sobrecarga sensorial, causando desconforto e dificultando a interação.

Algumas crianças autistas podem sentir-se mais à vontade para explorar e interagir em ambientes menos estimulantes, onde não há a pressão da interação social direta. Isso pode permitir que essas crianças demonstrem suas habilidades de maneira mais natural e espontânea, sem o peso das expectativas sociais.

É importante compreender as necessidades individuais de cada criança autista em relação à interação social e criar ambientes que favoreçam seu conforto e bem-estar, tanto na presença quanto na ausência da figura materna.

Nem todas as crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) desenvolvem a habilidade da atenção compartilhada devido à natureza heterogênea do TEA. O TEA é caracterizado por uma ampla variedade de manifestações e níveis de gravidade, o que influencia a presença e o desenvolvimento da atenção compartilhada.

Enquanto a atenção compartilhada é uma habilidade fundamental na interação social e na comunicação, algumas crianças com TEA podem enfrentar desafios específicos que dificultam o desenvolvimento dessa habilidade. Isso pode incluir dificuldades na percepção e interpretação de pistas sociais, sensibilidade a estímulos sensoriais que interferem na interação

social, e preferências por atividades ou interesses específicos que limitam o engajamento em interações compartilhadas.

Ao comparar os pontos estabelecidos, podemos observar que a observação da comunicação não verbal e a interação das crianças autistas sem contato direto com a mãe também são influenciadas pela heterogeneidade do TEA. Cada criança com TEA pode apresentar padrões únicos de comunicação, interação e preferências sensoriais, o que destaca a importância de abordagens individualizadas e sensíveis às necessidades específicas de cada criança.

Tabela 3 - Conclusões

(ALCUEC) p. 330	Percebe-se nos episódios apresentados que a interação de Alberto muda conforme o interlocutor. Existem diferenças entre a relação mãe-criança, criança-professora e fonoaudióloga-criança. A depender do interlocutor e do contexto, a criança reage de modo diferente. Diante de um interlocutor que a constitui como sujeito falante - no caso, a fonoaudióloga - a criança apresenta em alguns momentos participação ativa no discurso; já com a mãe, a criança não apresenta intenção comunicativa. Evidencia-se com isto que interlocutores diferentes produzem diferentes interações, que por sua vez promovem modificações na participação da criança em situações diferentes de usos da linguagem.
(CAPDPEACL) p. 120	Passo, agora, às conclusões propriamente ditas da pesquisa. O trabalho de campo mostrou que a aplicação do MIDMA (Modelo Integracionista de base Desenvolvimentista-Musical para o Autismo) a uma criança com o diagnóstico de autismo foi importante para aumentar a frequência e a duração de comportamentos como, olhar para a face, olhar para um objeto segurado por outra pessoa, contato ocular, sorriso responsivo, vocalizações, não referenciadas e melódicas, contingência e reciprocidade, bem como para aumentar a ocorrência espontânea de tais comportamentos. A aplicação do programa desenvolveu os comportamentos de antecipação, imitação e fala referenciada. Estes dados mostram que houve um considerável desenvolvimento das interações diádicas, por parte da criança submetida à pesquisa, bem como uma incipiente entrada da mesma na fase das interações triádicas. A pesquisa mostra também que o MIDMA contribuiu para o desenvolvimento do engajamento afetivo de T.
(APCALNV)	A proposta adotada para este trabalho considerou o ato comunicativo como unidade mínima de análise, que começa quando a interação adulto-criança, criança-adulto, criança-criança ou criança-objeto é iniciada, terminando quando o foco de análise da criança muda ou há troca de turno, bem como toda e qualquer forma de linguagem utilizada por esses indivíduos (verbal, não-verbal, transverbal). Ao finalizar este trabalho, vale lembrar que por se tratar de um estudo de caso, novas pesquisas devem ser realizadas no sentido de se obter maiores evidências científicas sobre crianças com TEA em sua interação, linguagem e comunicação.
(HCCU) p. 8	Podemos inferir a importância do uso da comunicação alternativa no desenvolvimento da atenção compartilhada e, conseqüentemente, no desenvolvimento da comunicação e interação social. Os resultados sugerem a realização de outros estudos, com o aumento do número amostral, pois podem fornecer dados importantes para a compreensão das características da comunicação e interação social.

Nos tópicos conclusivos foram enfatizadas as situações afetivas, a interação, e a comunicação analisada através da atenção compartilhada e como estes se comportam e tentam se comunicar sem verbalizar.

Durante o desenvolvimento da fala de uma criança autista, o engajamento afetivo desempenha um papel crucial. O engajamento afetivo refere-se à capacidade da criança de se conectar emocionalmente com outras pessoas, o que pode influenciar significativamente seu progresso na aquisição da fala. Em suas relações com a mãe, a criança autista pode demonstrar comportamentos variados. Alguns podem exibir dificuldade em estabelecer e manter contato visual, expressar emoções de forma convencional ou responder aos estímulos sociais.

Ao longo do processo de intervenção, estratégias são utilizadas para promover a atenção compartilhada, como o uso de jogos interativos, atividades sensoriais e o estabelecimento de rotinas estruturadas. Essas estratégias visam criar oportunidades para que a criança autista se envolva em interações significativas, compartilhando atenção e emoções com pais, terapeutas ou professores.

O desenvolvimento do engajamento afetivo está diretamente ligado ao progresso na linguagem, uma vez que a capacidade da criança de se envolver emocionalmente em interações contribui para a motivação e a eficácia da comunicação. Portanto, ao longo do processo de intervenção, a promoção da atenção compartilhada e do engajamento afetivo é essencial para estimular o desenvolvimento da linguagem e das habilidades comunicativas da criança autista.

A comunicação na atenção compartilhada é caracterizada por gestos, expressões faciais, contato visual, vocalizações e linguagem verbal, que são utilizados para expressar emoções, interesses e intenções, além de coordenar a interação. Esses elementos comunicativos contribuem para a criação de um ambiente emocionalmente envolvente e promovem a conexão entre os participantes.

Não somente, na atenção compartilhada, a comunicação assume dois eixos, com os participantes alternando papéis de emissor e receptor de mensagens. Isso cria um fluxo contínuo de troca de informações e experiências, permitindo que a comunicação seja adaptada às necessidades e interesses dos envolvidos, se manifestando por meio de uma variedade de canais não verbais e verbais, permitindo que os participantes expressem emoções, coordenem suas ações e experiências em conjunto, criando assim um ambiente comunicativo rico e significativo.

Tabela 4 - Síntese

(ALCUEC)	A presente pesquisa mostra a importância da interação como construção da linguagem, pois é através dela que há práticas dialógicas, que são essenciais para estimular a comunicação e linguagem da criança, além de proporcionar a aprendizagem, e é através dessa interação que observamos através das manifestações verbais e não verbais que a criança já estava inserida no âmbito da linguagem, mostrando a importância da interação social.
(CAPDPEACL)	A presente pesquisa mostrou o como a afetividade entre a criança-adultos, ou a criança-ambiente, ajuda no processo de desenvolvimento da linguagem e comunicação, o contato com o outro é essencial para as interações sociais.

(APCALNV)	A presente pesquisa mostra que a linguagem e comunicação do indivíduo autista se mostra de uma maneira diferenciada, através dos gestos, repetições e até mesmo o silêncio como resposta para algo.
(HCCU)	A presente pesquisa mostra que a faixa etária que criança se encontra pode influenciar no seu desenvolvimento, se a criança é submetida precocemente a intervenções com comunicação alternativa ela melhora consideravelmente a sua atenção compartilhada.

A comunicação alternativa para crianças autistas é um conjunto de estratégias e ferramentas utilizadas para facilitar a comunicação e a expressão dessas crianças, que podem enfrentar desafios na comunicação verbal. A interação com outras pessoas desempenha um papel crucial no processo de desenvolvimento da linguagem das crianças autistas. Através da interação social, essas crianças têm a oportunidade de praticar habilidades de comunicação, compreensão e expressão. O contato com outras pessoas, sejam familiares, terapeutas, professores ou colegas, proporciona modelos de linguagem e estimula o desenvolvimento das habilidades comunicativas.

Além disso, a interação social promove a motivação para se comunicar, pois as crianças autistas podem encontrar significado e propósito na comunicação ao interagir com outras pessoas. Através dessas interações, elas podem aprender a compreender e interpretar pistas sociais, expressões faciais e emoções, elementos essenciais para o desenvolvimento da linguagem e da comunicação.

Os artigos selecionados são fundamentados acerca de uma única proposta, esta que trata as possibilidades de uma comunicação alternativa e como serve de suporte às crianças autistas na expressão de suas necessidades e pensamentos, enquanto a interação com outras pessoas desempenha um papel fundamental no estímulo e no desenvolvimento de suas habilidades linguísticas e sociais.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação e a interação social são dois polos de desafio para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A natureza heterogênea do TEA significa que as dificuldades de comunicação e interação podem variar significativamente de uma criança para outra, mas há alguns padrões gerais que podem ser observados.

Em termos de comunicação, muitas crianças autistas podem enfrentar desafios na linguagem expressiva e receptiva, na compreensão de metáforas ou expressões idiomáticas, na modulação da entonação da fala e no uso adequado do contato visual. Além disso, algumas

crianças autistas podem apresentar repetição involuntária de palavras ou frase, ou dificuldades em iniciar ou manter conversas.

Quanto à interação social, as crianças autistas podem ter dificuldade em compreender e interpretar pistas sociais não verbais, como expressões faciais, gestos e linguagem corporal. Elas também podem demonstrar menor interesse ou capacidade para participar de jogos simbólicos ou compartilhar interesses ou emoções com os outros. Além disso, a reciprocidade social pode ser desafiadora para algumas crianças autistas, o que pode afetar a qualidade das interações sociais.

É importante ressaltar que a comunicação e a interação social são habilidades complexas que se desenvolvem ao longo do tempo e variam consideravelmente em crianças com TEA. Algumas crianças autistas podem desenvolver estratégias alternativas de comunicação, como o uso de sistemas de comunicação aumentativa e alternativa, enquanto outras podem se beneficiar de intervenções específicas para promover habilidades sociais e de comunicação.

Levando em consideração que linguagem não se limita ao ato da fala, há um longo caminho a ser percorrido para averiguar os métodos e estratégias que foram utilizados e aperfeiçoados até chegar a estudos mais recentes para solucionar essa problemática, estudos estes que auxiliam psicólogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos na execução correta de estímulos para a aquisição e desenvolvimento da fala e que também é majoritariamente estudado e pesquisado na área da saúde, por fonoaudiólogos, psicólogos, neuropediatras, psiquiatras, profissionais que estão diretamente relacionados com pacientes neuroatípicos, salientando que ainda há falta de estudos voltados para educação e como lidar com essas crianças, jovens e adultos em uma sala de aula.

É fundamental considerar o ambiente em que as crianças autistas estão inseridas. Ambientes que oferecem apoio e compreensão às necessidades individuais das crianças autistas podem influenciar significativamente seu desenvolvimento na área da comunicação e interação social.

Partindo de toda indagação afim de chegar ao objetivo principal desta pesquisa, certificou-se da comunicação de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e seu desenvolvimento a partir da interação destacando a importância de compreender a natureza heterogênea do TEA, que influencia a presença e o desenvolvimento de habilidades como a atenção compartilhada e a comunicação não verbal.

Ademais, considerando que nem todas as crianças com TEA desenvolvem a habilidade da atenção compartilhada, é crucial criar ambientes que favoreçam o conforto e bem-estar dessas crianças, tanto na presença quanto na ausência da figura materna. Compreender as

necessidades individuais de cada criança com TEA em relação à interação social é fundamental para promover um desenvolvimento saudável e uma comunicação eficaz.

REFERÊNCIAS

DELFRATE, Christiane; Santana; Massi, Giselle. **A aquisição de linguagem na criança com autismo: um estudo de caso.** *Psicologia em Estuda*, v. 14, n. 2, p. 321-331, Jun 2009.

Disponível em:

https://search.scielo.org/?q=*&lang=pt&count=15&from=0&output=site&sort=&format=summary&fb=&page=1&filter%5Bjournal_title%5D%5B%5D=Psicologia+em+Estudo&q=*aquisi%20de+linguagem+na+crian%20a+com+autismo&lang=pt&page=1

DEL RÉ, A, PAULA. L, MENDONÇA C.M. **A linguagem da criança: um olhar bakhtiniano.** São Paulo: Contexto, 2014.

FACHIN, O. **Fundamentos de Metodologia.** 5. ed. rev. São Paulo: Saraiva, 2006. Disponível em: <http://maratavarespsictics.pbworks.com/w/file/74302802/FACHIN-Odilia-fundamentos-de-Metodologia.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2023.

NEY, T.; HUBNER, L. C. **Linguagem oral e escrita no autismo - TEA: perspectivas teóricas e pedagógicas.** *The Specialist*, [S. l.], v. 43, n. 2, p. 18-35, 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/53042>. Acesso: 31 mar. 2023.

OLIVEIRA. S. M. **A Clínica do autismo sob uma perspectiva desenvolvimentista: o papel do engajamento afetivo no desenvolvimento da comunicação e da linguagem.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: http://ppg.psi.pucRio.br/uploads/uploads/19691231/2009_289eda3c30b21bd942bf2b430119b9d8.pdf. Acesso em: 31 mar. 2023.

PEREIRA, J. E. A., Santos, A. C. S., Leite, G. A., Xavier, I. A. L. N., & Montenegro, A. C. A. (2022). **Habilidades comunicativas de crianças com autismo.** *Distúrbios Da Comunicação*, 34(2), e54122. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-2724.2022v34i2e54122>

SANTOS, V. H. **Autismo: as possibilidades de comunicação através da linguagem não-verbal.** Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/44433>>. Acesso em: 17 fev. 2024.

VYGOTKY, L. S. **A formação social da mente.** 4. ed, São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.